



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA

INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE

PORTUGAL - GOA:

OS ORIENTES E OS OCIDENTES

THE EAST(S) AND THE WEST(S)

Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato



Ficha técnica

Título:

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes

Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura
International Seminar on Philosophy and Literature

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de
Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

Ano de edição:

2019

ISBN 978-989-8969-35-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

UMA VIAGEM À ÍNDIA, DE GONÇALO M. TAVARES: A PARÓDIA COMO FERRAMENTA NA DISCUSSÃO DE ESTEREÓTIPOS

Alexandra Lopes da Cunha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil)
Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre - RS, 90619-900, Brasil
+55 51 3320-3500 | alexandra.cunha@acad.pucrs.br

Resumo

Nesta obra, Gonçalo M. Tavares uma vez mais revisita e desconstrói estereótipos culturais e literários. Faz uma espécie de epopeia sem deuses gregos, sem deus algum, toda em verso livre (Eduardo Lourenço definiu-a como antipoema), relatando a viagem de um homem comum – e não um barão assinalado -, também uma espécie de judeu errante do século XXI, até a Índia, onde este espera encontrar conhecimento e sabedoria (o estereótipo associado à cultura oriental), mas só encontra um espelho do Ocidente.

O objetivo desta comunicação é explorar a desconstrução dos estereótipos no que diz respeito à imagem do navegante português e do sábio indiano, deste embate entre Ocidente e Oriente.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Literatura Portuguesa, Luís Vaz de Camões, Gonçalo M. Tavares, estereótipos, Estudos pós-coloniais.

Abstract

In this oeuvre, Gonçalo M. Tavares revisits and deconstructs here again some cultural and literary stereotypes. The author creates a particular type of epic poem, one without the presence of the Greek gods, without the presence of any god, and does it in free verse (Eduardo Lourenço has defined it as an antipoem). In Tavares' poem the journey narrated is the one of an ordinary man – not a noble and brave baron, as it is the case in Camoes' *The Lusids* –, also a type of a wandering jew. The action happens in 2003, and the journey takes its hero to India, where he expects to find wisdom (the stereotype of the eastern wisdom), but only finds a mirror of what he already knows.

The main goal of this communication is to explore the stereotype deconstruction Gonçalo M. Tavares does in his approach of the Portuguese voyager and the eastern wise man (or eastern wisdom), and the clashes resulted of this encounter.

Keywords: Comparative Literature; Portuguese Literature; Luís Vaz de Camões; Gonçalo M. Tavares; Stereotypes; Post-colonial Studies.

***Os Lusíadas*: um poema épico tardio**

Um dos gêneros mais elevados da poética antiga, revisitado depois no Renascimento, o épico é o gênero que se notabiliza por cantar os grandes feitos, as grandes batalhas. Assim, cumpre uma de suas mais importantes funções: a de consolidar os mitos formadores de uma nação. Como destaca Emil Staiger, “No épico acentua-se justamente a identidade” (STAIGER, 1977, p. 40).

Dentre os poemas épicos, temos, na *Ilíada*, a narração da ascensão grega a partir da derrota de Troia frente aos Aqueus. Esta narrativa funciona como uma justificativa ao predomínio da Grécia durante largo período histórico. *Eneida*, a grande obra do poeta Virgílio, principia com a queda de Troia e passa a narrar o périplo do troiano Eneas para chegar ao Lácio e fundar o que viria a ser o império Romano. Nestas obras, ao cantar os grandes feitos de heróis e deuses, o poeta contribui para a perpetuação de uma compreensão histórico-mítica, reforçando, junto aos leitores e/ou ouvintes, identidades associadas a povos e culturas: a grega e a romana, nestes casos em específico.

Há outros elementos necessários para que um poema seja classificado como épico; É preciso que o autor siga uma estrutura na composição dos versos, a começar com a proposição, seguida da invocação às Musas e, por fim, a dedicatória a uma personalidade de relevo. Além disso, valoriza Maria Vitalina Leal dos Santos, na apresentação das obras completas de Luiz Vaz de Camões (CAMÕES, 2017), a narrativa não deveria começar já de início, mas ser contada *in media res*. Outro dos elementos fundamentais na epopeia é a necessidade da existência do miraculoso, no sentido de maravilhoso. E o maravilhoso nutre-se do desconhecimento, da fantasia.

Pode-se pensar a grande epopeia camoniana como um ponto de inflexão do gênero épico; Depois da circum-navegação da África e a posterior chegada às Índias e ao Extremo Oriente, o espaço para a especulação sobre terras e feitos maravilhosos desaparece, pois o mundo tornou-se inteiramente conhecido, passível de ser representado em um mapa. Depois do século XVI, segundo Candido, os poemas épicos tornam-se “roncos atrasados da musa heroica” (CANDIDO, 2000; 169).

***Os Lusíadas* e a essência portuguesa**

Os Lusíadas de Camões, publicados por primeira vez em 1572, seria um exemplo de épico tardio, com mesclas interessantes e pouco ortodoxas, tais como a presença de deuses da mitologia greco-romana a par das divindades católicas, além da ausência de um herói único, apesar do destaque dado à figura de Vasco da Gama. Em *Os Lusíadas*, Camões glorifica o povo, como fica evidente no Canto I (estrofe 3):

“Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.”

No canto V (estrofe 86), Gama conta as proezas da gente lusitana ao rei de Melinde:

“Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d’eforço e de arte,
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?”

Ou na estrofe 90:

“Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d’ânimo e nobreza.”

A epopeia é hiperbólica. Os feitos, grandiosos. E os portugueses, corajosos, sempre. Justos e leais com os amigos, mas temíveis e terríveis contra os seus inimigos, que são muitos pelo caminho.

A descoberta do caminho marítimo para o Oriente foi um grande feito português. Roger Crowley, na obra *Conquistadores*, afirma: “Gama pusera fim ao isolamento da Europa. O Atlântico já não era mais uma barreira; tornara-se uma via expressa ligando os hemisférios” (CROWLEY, 2016; 87) e este feito cantado por Camões foi para a nação motivo de orgulho a ser perpetuado pelos tempos futuros. Para Eduardo Lourenço, no ensaio “Camões no presente”, publicado inicialmente em 1972, “[...] a epopeia camoniana é, entre outras coisas, um genial manifesto, uma máquina de guerra coerente, e não um poema asséptico e intemporal dedicado à exaltação de um amor pátrio sem conteúdo histórico preciso” (LOURENÇO, 2016; 187). Lourenço afirma que a obra máxima de Camões ajudou a moldar o que o autor chama “espírito nacional” (LOURENÇO, 2016; 183). Ainda segundo o autor, *Os Lusíadas*, o “Poema Nacional”, teria hiperbolizado o amor pátrio de maneira a conferir ao povo português uma “existência epopeica” da qual a nação ainda não se conseguiu curar: “Somente o Português, enquanto tal, e por camoniana determinação e exaltação, é oficialmente heroico e nesse ofício imaginário põe todas as suas complacências” (LOURENÇO, 2016; 188-189), ainda que esta análise psicanalítica tenha opositores como Boaventura de Sousa Santos que acha a interpretação mítica excessiva e passível de ser explicada “[...] em grande medida pela reprodução prolongada e não alargada de elites culturais de raiz literária, muito reduzidas em número e quase sempre afastadas das áreas de decisão das políticas educacionais e culturais” (SANTOS, 1995; 54).

Em que pese discordâncias, ao longo dos séculos, as comemorações dos sucessivos centenários da morte de Camões serviram para celebrar não apenas o poema e seu autor, mas também objetivos políticos circunstanciais que variaram com os séculos. No entanto, alerta Lourenço:

“O que convém é saber como Camões e a sua obra, em particular *Os Lusíadas*, não são uma realidade intemporal e de significação unívoca. Deslocá-los, arbitrariamente, da sua significação própria, enquanto expressão exemplar de um momento da nossa existência histórica e da aventura mais vasta da expansão do Ocidente, para a falsa eternidade de um mito moral, histórico e ideológico cujas

bases continuariam intocáveis, é celebrá-los às avessas, querer que o dividido presente nosso tenha a claridade sublimada de um passado irrevogável no seu ser e nas suas coordenadas espirituais.” (LOURENÇO, 2016; 184-185)

Os Lusíadas cantam as navegações portuguesas, responsáveis pelo primeiro movimento de globalização. Um feito admirável, decerto, mas, como bem alerta Lourenço, não é possível analisá-lo sem considerar o momento histórico que retrata e durante o qual foi composto. Camões é sim português, um homem do século XVI, um católico contrarreformista. Assim, o seu poema reflete a visão eurocêntrica do seu cantor. Camões é europeu, católico, e acredita ser o dever da nação portuguesa conquistar e dominar, converter e arrebanhar os bárbaros e brutos, os infiéis e incultos para as hordas cristãs, como fica patente no famoso verso do canto V da estrofe 96, o próprio poeta português conquistaria e dominaria, “numa mão a pena e noutra a lança”.

É considerando todos esses aspectos e outros mais a serem explorados na sequência deste ensaio que Gonçalo M. Tavares cria a sua epopeia contemporânea *Uma viagem à Índia*, mas optando pela paródia.

Uma viagem à Índia: uma epopeia contemporânea

A epopeia torna-se um género anacrónico após o século XVI. Os navegantes que partem de Lisboa a caminho da Índia deixam para trás não apenas o continente, mas o tempo. São os primeiros homens modernos.

O próprio Camões prenuncia esta ruptura no canto X, a partir da estrofe 75, no momento em que Téthis apresenta a Vasco da Gama “a grande máquina do mundo”. É ela que descreve e indica as regiões do globo, os seus povos e características. Ali está o mundo, agora perfeitamente conhecido, e fazê-lo conhecer tinha sido um feito português. Téthis afirma que, após atingirem o seu objetivo, Gama e os outros navegadores ilustres podem retornar à pátria com tranquilidade sem temer intervenções contrárias de deuses invejosos. Os deuses os deixariam em paz porque, já ali, morrem. Nas palavras da ninfa: “Só pera fazer versos deleitosos/ Servimos” (CAMÕES, Canto X, estrofe 82, 2017; 343).

A partir de então, os mares que nunca antes tinham sido navegados tornam-se, como apontou Roger Crowley, vias expressas ligando hemisférios. Desaparecem

deuses e ninfas, gigantes tenebrosos. Mas com eles os “barões assinalados”, os heróis corajosos.

Na construção de sua epopeia contemporânea, Tavares faz questão de marcar a diferença a separar estes mundos, tão distintos. O seu primeiro canto inicia-se com uma formulação negativa:

“Não falaremos de rochedo sagrado
onde a cidade de Jerusalém foi construída,
nem da pedra mais respeitada da Antiga Grécia
situada em Delfos, no monte Parnaso,
esse Omphalus – umbigo do mundo –
para onde deves dirigir o olhar,
por vezes os passos
sempre o pensamento.”

Ou seja, na sua epopeia, não há lugar para o sagrado, nem para os lugares sagrados. Também não se falará de deuses – quaisquer que sejam eles. Na estrofe 22, o narrador de Tavares declara: “Os deuses atuam/como se não existissem, e assim/não existem, de facto, com extrema eficácia” (TAVARES, 2010; 32). Do que tratará então esta narrativa?

“FALAREMOS de Bloom/ e da sua viagem à Índia./ Um homem que partiu de Lisboa” (Tavares, 2010; 25), faz-nos o narrador saber. Ou seja, o que interessa nesta epopeia é o percurso de um homem, um único homem, que sai de Lisboa com o objetivo de chegar à Índia. Bloom, o nome do herói contemporâneo, uma homenagem a James Joyce, criador de outro desses anti-heróis, pouco guarda em comum com os “barões assinalados” que navegaram em direção à Índia. Ele tem uma ascendência sem realeza, de homens já ricos que mais ricos ficaram, como o seu pai:

“O meu pai não descansou
enquanto não comprou prédios novos e velhos,
terrenos para a agricultura e para a indústria,
máquinas complexas, carros diversos, ouro amarelíssimo,
jóias, empregados feios e assim-assim,
mulheres fáceis e semifáceis,
respeito geral dos seres vivos vizinhos, delicadeza
e subserviência de metade da cidade. tudo foi

comprado e pronto.
 (o mais difícil de adquirir
 foram, de longe, as propriedades).”

(TAVARES, 2020; 134)

Bloom foge de Lisboa por haver cometido parricídio, depois de seu pai ter morto a sua amada. Assim, de forma paródica, o autor recria os eventos da obra de Camões debaixo de um verniz mordaz e contemporâneo. Não há já motivos nobres, coragens e valores elevados, mas sim tédio, raiva, maldade:

“O mundo não tem alcatifa, não pense tal, meu caro amigo,
 nem em Paris o mundo real tem alcatifa.

O mundo tem madeira,
 e a madeira tem falhas evidentes, lascas pontiagudas,
 e quem sobre ela andar não sairá sem feridas

(o que também poderá dizer o mundo).

O mundo não foi feito para sobre ele se andar descalço.”

(TAVARES, 2020; 136)

Como um judeu errante, Bloom quer ir à Índia, mas erra, ou seja, escolhe um percurso de muitas voltas: Londres, Paris, Viena. Um caminho alongado para se chegar à Índia e é esta a ideia da personagem: demorar-se durante o percurso, num mundo de altas velocidades. A própria Europa que Bloom percorre e descreve em seus cantos é urbanizada, mas não necessariamente evoluída. Na estrofe 16 do canto III, Bloom diz o seguinte:

“agora uma grande cidade é aquela que tem muitos cidadãos
 em idade de votar e, pelo menos, um edifício com 140 andares.

Se no meio dos 15 milhões existir um homem
 que pensa: excelente, sim, é certo,

mas não indispensável.”

(TAVARES, 2010;120)

Do seu país Bloom diz:

“Ausência de indústria e de fábricas significativas,
 eis a higiene de um país como o nosso.

E quando não há chaminés importantes
 até o fumo do cigarro conta para efeitos estatísticos.

Não é grande nem é enorme mas é simpático, este país.

Dois lados dão para a terra, dois lados para o mar.

E a coisa assim quase dá certo.”

(TAVARES, 2010; 122)

Bloom quer chegar à Índia, em parte para fugir, em parte porque quer encontrar algo para si. Não há nos seus objetivos nada que seja maior ou pretensamente elevado, como o “aumento da pequena Cristandade”, que sublinha Camões no Canto I, estrofe 6. O que deseja Bloom, o que o move?

“Deixe que eu me apresente: Meu nome é Bloom;
procuro uma mulher ou algo que me faça deixar
de procurar. Não sei se me entende.

A sabedoria, enfim. E chegar à Índia.”

(TAVARES, 2010, p. 99)

Enquanto que na epopeia camoniana há a glorificação do passado português desde a sua formação, o herói de *Uma Viagem à Índia* não se interessa pela História da nação que deixa para trás. É, nas palavras do narrador, hostil ao passado. Parte de Lisboa em busca de uma sabedoria, que, de certa maneira, associa à Índia. Mas, se não a encontrar, serve-lhe deparar-se com uma mulher. Para a personagem, tanto uma quanto outra coisa lhe servem para justificar o seu percurso. Vale ressaltar, portanto, que a sua busca possui um cunho egoisticamente individual. Bloom parte sozinho, e é sozinho. Não representa um povo, muito menos o glorifica.

O herói de Tavares é acidentalmente português. Poderia não o ser e, parece-nos, ainda o é, ainda que somente pela associação da sua epopeia à obra camoniana. Não se percebem, por parte do autor, na construção desta personagem, esforços no sentido de o naturalizar. Bloom é um europeu, acima de tudo. Um desenraizado, que sobe e desce de aviões, entra e sai de países, circula com facilidade por um espaço europeu. Além de tudo isso, Bloom é também um pária: um parricida, um assassino, um homem perigoso que erra o tempo todo.

A errância de Bloom até a Índia: um percurso geográfico e filosófico

“mas em Paris o nevoeiro é apenas uma teoria,
quando comparado com a vida mística
da Índia. De Paris à Índia
vai a distância de uma Civilização inteira.
Não há avião que ligue estes dois mundos,
Bloom sabia disso.”

(TAVARES, 2010; 189)

Bloom opta em seguir para a Índia, mas deseja fazer um percurso direto e sim um cheio de voltas e de digressões. Vai a Londres, Paris, Viena para só então tomar um avião para a Índia. Nas palavras do herói: “Obriguei-me a percorrer o caminho mais lento” (TAVARES, 2010; 190).

E por quê? O percurso da personagem, mais que uma viagem de um continente a outro, é uma viagem filosófica e a reflexão não deve ser movida pela velocidade. As críticas do narrador ao mundo contemporâneo são muitas. Ele acredita que a evolução tecnológica não foi positiva. As cidades cresceram verticalmente, a água é encanada, mas o espaço para a reflexão diminuiu: em suas errâncias pela Europa, Bloom procura pelos sábios (no guia telefônico). Não os encontrou listados. Segundo o narrador, “Não prova que não existem, mas apenas/ que não querem ser contactados” (TAVARES, 2010; 227).

Então segue em direção à Índia. O seu percurso tortuoso é parcialmente uma estratégia para se preparar. E ele se prepara: reúne dinheiro, leva na mala dois livros raros (*Cartas a Lucílio*, de Séneca e o teatro completo de Sófocles), pois “[...] nunca se tem idade suficiente para ir à Índia, sempre existe, em qualquer europeu, uma excessiva juventude” (TAVARES, 2010; 278).

As primeiras impressões de Bloom são a de um turista, de um estrangeiro, perdido na imensidão do país aonde chega pela primeira vez: “Tudo é grande na Índia: a população, os deuses, os efeitos de magia, as cidades” (TAVARES, 2010; 293). A personagem sente se como se ainda não tivesse chegado: “A viagem tinha passado pois de dentro para fora:/ estava noutra continente, mas ainda não tinha /outra filosofia...” (TAVARES, 2010; 296). Anish, o seu guia, começa a falar do seu país e esclarece: o que Bloom conhece são “postais”, ideias preconcebidas, estereótipos. E salienta: “Este país é como os outros: belo e bruto. / E se conheces um país que não o seja, então / digo-te que não o conheces realmente” (TAVARES, 2010; 297).

Bloom pede para encontrar um sábio e o encontro é desastroso. O sábio desconfia de Bloom e Bloom fica desapontado diante das respostas que recebe aos seus questionamentos. E há ainda a cobiça: Shankra, o sábio, depois de examinar a mala do estrangeiro, interessa-se pelos seus livros raros e rouba-os, mas o herói recupera-os, não sem antes roubar do sábio uma edição antiga do *Mahabharata* e foge da Índia com receio de ser assassinado.

O que percebe então Bloom depois da sua viagem à Índia?

Que já não há sábios, que a sabedoria se tornou uma mercadoria como todas as outras, que “Mercadorias intelectuais não deixam de ser mercadorias, mas pelo menos dão a ilusão de uma certa grandeza” (TAVARES, 2010; 352). Como o indiano já havia dito: a Índia é um país bruto, como todos os outros. E Bloom concorda, afinal: “Da Índia não trago a imortalidade/ (o que me fará falta, sem dúvida), trago, sim,/maus-tratos físicos e a perda definitiva das ilusões” (TAVARES, 2010; 368).

Por vezes, as grandes viagens servem para confirmar o que já nós sabíamos. E não é por nada que a viagem de Bloom à Índia é circular. Ele vai e retorna ao ponto de partida, talvez mais experiente, mas não necessariamente mais sábio.

Algumas comparações entre o Oriente de Camões e o de Gonçalo M. Tavares

“O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.” (BHABHA, 1998; 111)

Em *Os Lusíadas*, o Oriente é um todo homogêneo, do qual pouco se sabe e muito se desconfia. O diferente é tido como inferior, traiçoeiro, bruto. Os povos encontrados no caminho são em geral imundos, torpes, viciosos, quando não ismaelitas invejosos e matreiros. São desprezados e, sempre que possível, castigados, subjulgados. É a ideia do discurso colonial preconizada por Homi Bhabha: a inferioridade legitima a dominação. Para que os povos possam ser instruídos e educados é necessária essa inferioridade.

Em *Os Lusíadas*, a conquista das Índias é apresentada como objetivo a partir de um sonho do rei Manuel. Nele, o monarca é visitado por dois homens que representam os rios Indo e Ganges.

“Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo, Rei que, nesta serra
que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-t’-emos contudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio”.

(CAMÕES, 2017; 159, canto IV, estrofe 74)

Aí está a justificativa, espécie de predição do que se seguiria por séculos adiante. A ideia é a de tomar, dominar. Como acentua o narrador de *Uma viagem à Índia*: “Nem um segundo separa a educação da barbárie” (TAVARES, 2010; 331).

E quanto à personagem de Tavares? Bloom vai à Índia em busca de sabedoria. E porquê a Índia? Porque é um país antigo: “A Índia é um país grande. Não pela/ extensão mas porque é antigo. O tempo num/ país inteligente, é a extensão mais significativa” (TAVARES, 2010; 291). Uma civilização milenar e rica. E se durou por milénios, deve ser sábia.

Este estereótipo da sabedoria oriental começou a florescer séculos depois da viagem de Vasco da Gama. Edward Said situa a mudança a partir de 1798, quando Napoleão invade o Egito. Segundo o autor, esta invasão “[...] foi de muitas maneiras o modelo de uma apropriação verdadeiramente científica de uma cultura por outra na aparência mais forte” (SAID, 2007; 76). Textos traduzidos do sânscrito, zenda e árabe chegaram ao Ocidente a partir dos finais do século XVIII e os preconceitos foram sofrendo alterações. Assim, os orientais deixaram de ser apenas brutos e impuros. “De repente uma ampla variedade de pensadores, políticos e artistas teve a impressão de que surgira uma nova consciência do Oriente, que se estendia da China ao Mediterrâneo” (SAID, 2007; 76).

Vale a pena não esquecer: Bloom é um apreciador de livros, um leitor. Ele leva em sua viagem dois volumes raros, de autores canônicos: Séneca e Sófocles. Quando chega à Índia e visita um pretenso sábio, percebe que este tem um exemplar igualmente valioso de *Mahabharata*, o poema épico indiano, e Bloom deseja-o para si. Há aqui uma irónica batalha cultural pela posse do conhecimento, o que está nos livros formadores de nações. Bloom consegue roubá-la e foge, eis o herói contemporâneo.

O resultado deste embate entre Ocidente e Oriente é a constatação do herói de que a Índia não difere em muito do mundo que ele já conhecia: “Da Índia não trago a imortalidade/ (o que me fará falta, sem dúvida), trago sim,/ maus-tratos físicos e a perda definitiva das ilusões” (TAVARES, 2010; 368).

Assim, Bloom chega ao final da sua errância com uma constatação: “Valeu a pena viajar, pensa./ Pelo menos percebi que nada adianta” (TAVARES, 2010; 427).

No final, Bloom retorna ao seu ponto de partida. A sabedoria representada nos livros que traz de volta é descartável. Ele os dá a um mendigo. Uma conclusão para

esta viagem, uma ideia em que o autor acredita, depois deste encontro entre Ocidente e Oriente, está na estrofe 131 do canto X:

“Nenhum país tem uma parte sagrada.
E a geografia é eticamente
neutra: viagens longas para ver igual com
os mesmos olhos. Só ficar cego é viagem,
tudo o resto é passeio ao redor do quintal.”
(TAVARES, 2010; 443)

As epopeias tinham-se tornado anacrónicas no século XVII. Os caminhos abertos pelas primeiras naus tornaram-se vias rápidas. O progresso, o comércio e a técnica foram, paulatinamente, homogeneizando os continentes, aproximando-os mais e mais. É o que o encontro entre Bloom e o sábio indiano parece realçar. Bloom “procurou o Espírito na viagem à Índia,/ encontrou a matéria que já conhecia” (TAVARES, 2010; 449).

O final é lúgubre. Bloom, o parricida, o homem que assassina uma mulher por tédio, erra pela geografia de Lisboa. E o narrador vaticina: “[...] nada que aconteça poderá impedir o definitivo tédio de Bloom, nosso herói”. Assim termina a última estrofe do último canto.

Se sobra algum estereótipo, é o do homem moderno: um sujeito entediado, profundamente egoísta, indiferenciado, quer na Lisboa de 2003, quer na Índia.

Bibliografia

- BHABHA, H. K. (1998). *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CAMÕES, L. V. (2017). *Obras completas de Luiz Vaz de Camões* (volume I). Introdução, organização e notas de Maria Vitalina Leal de Matos. Silveira: E-Primatur.
- CANDIDO, A. (2000). *Formação da Literatura Brasileira*. 6.ª Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda.
- CROWLEY, R. (2016). *Conquistadores: como Portugal forjou o primeiro império global*. tradução: Helena Londres. 1.ª ed. São Paulo: Planeta.
- LOURENÇO, E. (2016). *O labirinto da saudade*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil.
- SAID, E. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras.
- STAIGER, E. (1997). *Conceitos Fundamentais da Poética*. Tradução: Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SANTOS, BS. (2001). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- TAVARES, G. M. (2010). *Uma viagem à Índia*. São Paulo: Leya.